Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F814d

Franca, Clícia Palheta
Degradação humana : uma análise acerca da protagonista em "A hora da estrela", de Clarice Lispector / Clícia Palheta Franca. 2017
22 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Edimildo de Jesus Barroso Passos
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Degradação humana. 2. Sociedade capitalista. 3. Sociedade machista. 4. Clarice Lispector. I. Passos, Edimildo de Jesus Barroso II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Degradação humana: uma análise acerca da protagonista em “A hora da estrela” de Clarice Lispector[1]

Clícia Palheta França[2]
Edimildo de Jesus Barroso Passos[3]

Resumo: Este trabalho busca apresentar a representação da degradação humana encontrada na obra “A hora da estrela” da escritora modernista Clarice Lispector. O referido problema é representado através da personagem central, Macabéa. O objetivo desta pesquisa consistiu em uma análise que, acima de tudo, despertasse uma visão crítica acerca de certas causas que conduzem, gradativamente, o ser humano a um fim degradante. O artigo foi elaborado com embasamento em uma pesquisa de cunho bibliográfico em que foram consultadas obras que abordam a mesma temática para o enriquecimento deste trabalho. No presente artigo, buscou-se analisar a condição sub-humana de um indivíduo desfavorecido intelectual, social e economicamente diante de uma sociedade machista e, sobretudo, capitalista. A representação dessas condições sub-humanas configura-se por meio da personagem-tipo que apresenta os desafios por ela enfrentados em uma “cidade grande”. Portanto, a partir dos resultados, pode-se concluir que, embora seja um estudo acerca de uma ficção literária, nem sempre se deve pensar que é somente uma “história inventada”, pois há situações em que uma história pode ser um reflexo da realidade vivida por uma determinada sociedade ou por um determinado indivíduo.

Palavras-chave: Degradação humana; Sociedade capitalista; Sociedade machista. Clarice Lispector

Abstract: This work seeks to present the human degradation found in the work "The hour of the star" by the modernist writer Clarice Lispector. The problem referred is represented through the central character, Macabéa. The objective of this research consisted in an analysis that, above all, aroused a critical view about certain causes that gradually lead the human being to a degrading end. The article was elaborated based on a bibliographical research in which were consulted works that approach the same theme for the enrichment of this work. In this article, we sought to analyze the subhuman condition of an intellectual, socially and economically disadvantaged individual in the face of a macho and, above all, capitalist society. The representation of these subhuman conditions is shaped by the character-type who presents the challenges she faced in a "big city". Therefore, from the results, it can be concluded that, although it is a study of a literary fiction, one should not always think that it is only a "made-up story". For there are situations in which a story can be a reflection of the reality lived by a certain society or by a certain individual.

Keywords: Human degradation; Capitalist society; Machist society. Clarice Lispector

---

[1] Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/Humaitá – AM.
[2]Acadêmica finalista.
[3] Professor-orientador

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito retratar o que pode acontecer com um ser humano – principalmente quando possui como maiores características a humildade, a ingenuidade e o analfabetismo – quando este sai de seu meio natural e se torna vítima de atitudes maliciosas e cruéis de uma sociedade urbana. Isso será feito analisando a degradação humana e, consequentemente, social, em "A hora da Estrela", da escritora Clarice Lispector. Nessa obra, essa conversão humana negativa é representada pela protagonista Macabéa. A referida obra foi escrita em 1977, sendo o último trabalho da autora, pertencente ao movimento literário modernista.

Para abordar a introdução, o contexto histórico e social do movimento, de cujo mesmo a escritora fez parte, serão usadas como base as obras *História Concisa da Literatura Brasileira* do autor Alfredo Bosi (2006), *A Criação Literária* de Massaud Moisés (2007), *A análise estrutural da Narrativa* do autor Roland Barthes (2011), *Análise Literária* de Massaud Moisés (1981), e *Como Analisar Narrativas* de Cândida Vilares Gancho (1997). Além dessas obras essenciais em um trabalho de contextualização histórico-social, serão utilizadas obras que retratam, de modo idêntico, a referida degradação humana.

Por meio deste trabalho serão apresentados fatos que marcam o desenvolvimento da narrativa, pois sabe-se que ao analisar uma obra é possível adquirir uma visão da época que o autor expressa, através da narrativa. Em certos casos, o autor relata acontecimentos e aspectos de denúncias, que podem ter uma abrangência muito ampla de conteúdo, como a denúncia social, política, cultural etc.

O trabalho está voltado para a Literatura Modernista cuja temática a ser abordada retrata a degradação humana fruto de uma sociedade capitalista e desumana. Isso ocorre quando o indivíduo, de alguma forma, vai se distanciando de seus valores morais, humanos e até religiosos. Com a degradação desses valores, o indivíduo, gradativamente, sofre vários tipos de mudanças que vão desde seu caráter até psicológicas. Dessa forma, acaba por perder, inclusive, sua autoestima e fica refém da sociedade, ao ponto de surgir dúvidas da própria existência e, com isso, passa a enxergar-se como o mais inferior dos seres.

Em "A hora da estrela" é possível notar a presença dessa triste e revoltante degradação humana, o que chega a causar impacto sempre que se depara com essa surpreendente leitura. Será por meio da personagem principal que será abordada a vida de uma pessoa medíocre que pode representar milhões de brasileiros que muitas vezes vivem

somente para satisfazer suas necessidades básicas, sem poder usufruir da vida consumista que a cidade grande oferece. Uma metrópole oferece consumos materiais que são negados ao indivíduo que não possui poder aquisitivo e, por isso, este pode, até, chegar a pensar que é socialmente insignificante e, também, devido ao fato de ninguém o notar perante a sociedade.

A partir deste trabalho, pretende-se fazer com que o leitor passe a enxergar e identificar, em "A hora da estrela", esses indivíduos socialmente desamparados para que possam se conscientizar e contribuir, de alguma forma, para tentar amenizar o problema da grande miséria que o nosso país enfrenta desde muitos anos.

Diante das dificuldades encontradas, em relação ao ingresso no mercado de trabalho, um fator que permanece em destaque é a necessidade de pessoas qualificadas para trabalhar nesse exigente e, cada vez mais moderno, mercado. Porém, para garantir seu sustento, o ser humano precisa dispor de sua inteligência ou força física para exercer alguma atividade. Mas, e quando a pessoa não possui nenhum dos dois? Esse é, sem dúvida, o caso da nossa protagonista. Através dela serão apresentadas as injustiças sociais de um povo cuja grande parte da sociedade só se importa com os próprios interesses. Mas afinal, quem é, ou quem são, o responsável, ou os responsáveis, pelas mazelas sociais?

Há tempos tenta-se definir a "Sociedade", porém o mais importante entender é que a vida em sociedade torna-se uma necessidade para a raça humana, afinal, é de amplo conhecimento que muito do que sabemos e aprendemos é com o outro, bem como andar ou falar e até mesmo as regras sociais e os valores. Além do mais, sabe-se que sozinhos não aprendemos muita coisa, precisamos das experiências de outros para desenvolvermos nossos conhecimentos, mesmo porque a sociologia ensina que os seres humanos não nasceram para viver isolados.

A partir deste trabalho procurar-se-á, portanto, gerar e/ou desenvolver uma visão crítica da realidade atual naqueles que, com o mesmo, se deparam para que, assim, possam perceber a relevância deste. Portanto, buscou-se reunir as informações da análise feita da referida obra com o propósito de responder às seguintes questões norteadoras da pesquisa: "Por que a sociedade exclui muitos indivíduos?" e "O que leva um indivíduo a menosprezar-se, e até mesmo a anular-se, perante uma sociedade?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Clarice Lispector e a Literatura Brasileira

40 anos depois de sua morte, ainda se busca saber mais sobre a vida dessa importante escritora da literatura modernista brasileira: Clarice Lispector, embora se saiba que, entre outras coisas, notabilizou-se por escrever vários volumes de contos, romances e crônicas. Clarice também concedeu algumas entrevistas, nestas é possível conhecer algumas de suas informações pessoais. Em 1977, antes de falecer, concedeu uma entrevista para a TV Cultura no programa "Panorama" no dia 01.02.1977, em que afirma que nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia e que veio para o Brasil ainda criança.

Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro do ano de 1925 (MOISÉS, 2007, p. 552). Ainda recém- nascida, veio para o Brasil com os pais e as irmãs, devido às guerras que ocorriam no seu país e várias outras dificuldades por lá encontradas. Depois de um tempo em Maceió, a família mudou-se para o Recife. Ainda menina, descobriu a vontade de escrever, por meio dos livros.

No ano de 1943, estava estudando o curso de Direito quando escreveu a obra "Perto do Coração Selvagem" – seu primeiro romance com o qual estreia na literatura (BOSI, 2006, p. 423). No mais, suas obras, cronologicamente, são: "Perto do Coração Selvagem" (1944); "O Lustre" (1946); "A Cidade sitiada" (1949); "A Maçã no escuro" (1961); "A Paixão segundo G.H." (1964); "Uma aprendizagem ou livro dos prazeres" (1969); "Água via" (1973); e "A hora da estrela" (1977); dentre os romances citados acima, o último foi escrito e publicado no ano da morte da escritora. Além dos romances, há também os contos: "Laços de Família" (1960); "A Legião Estrangeira" (1964); "Felicidade clandestina" (1971); "A via-crúcis do corpo" (1974). Vários autores (2010, p. 157).

A escritora conheceu um diplomata, com ele se casou, por conta disso, residiu em vários países e, por conta do trabalho do marido, sempre o acompanhava em seus compromissos. Ambos tiveram dois filhos. Vale ressaltar que, quando a autora concedeu a entrevista à TV Cultura, já se encontrava com uma doença que lhe permitiria pouco tempo de vida. Clarice morreu deixando como legado suas obras para que as pessoas desfrutassem de seu trabalho inigualável.

Apesar de ter passado a maior parte do seu tempo fora do Brasil, Clarice Lispector sempre manteve contato com os amigos, destes, em especial, Fernando Sabino. Este sempre a informava das notícias que se passavam no país. Uma das formas de contato acontecia por

meio de cartas, estas eram mantidas, constantemente. Por meio das cartas, conversavam sobre muitos assuntos, inclusive sobre seus trabalhos, como mostra a passagem a seguir, em que revela o amor de ambos pela arte de escrever,

> Trocávamos ideias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. [...] Era mais do que a paixão pela literatura [...] o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores (SABINO; LISPECTOR, 2002. Prefácio de Fernando Sabino, p. 8 *apud* DOMINGOS, p. 6).

Provavelmente, há teóricos que buscam mais informações sobre a vida da escritora, isso comprova que ainda há muitas incertezas de sua existência. Por conta disso, é possível dizer que muitos a consideram uma mulher muito misteriosa. A mesma possui um estilo literário em que há a predominância de tendência intimista, que será melhor explicado no decorrer deste trabalho. É importante salientar que sendo a maioria de suas personagens principais mulheres, isso leva muitos a acreditarem que ela era uma escritora feminista, porém nota-se, no conto "O crime do professor de matemática", uma quebra do predomínio desse "universo feminino": "Quando o homem atingiu a colina mais alto, os sinos tocavam na cidade embaixo. Viam-se apenas os tetos irregulares das casas. Perto dele estava uma única árvore da chapada. O homem estava de pé com um saco pesado na mão" (LISPECTOR, 1998).

O movimento literário no qual a escritora está inserida é o Modernismo. Segundo Bosi (2006, p. 303), este movimento foi "condicionado por um acontecimento [...] que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo". Conhecida também como Literatura contemporânea que, apesar de esse termo ser pouco usado, pode aparecer em algumas publicações. "O termo 'contemporâneo' é, por natureza, elástico e costuma trair a geração de quem o emprega. Por isso é boa praxe dos historiadores justificar as datas com que balizam o tempo, frisando a importância dos eventos que a elas se acham ligadas" (BOSI, 2006, p. 383).

Vale lembrar que o movimento foi dividido em três fases e Clarice Lispector faz parte da última, conhecida como geração de 45 ou Fase Social/Introspectiva. Assim, Moisés (2007, p. 529) enfatiza: "Embora não tenha surgido outra etiqueta para substituir o vocábulo "modernismo" [...] Em 1945, surge a chamada "geração de 45" que defende a primazia da ordem sobre o caos anterior".

Nesta fase modernista, tem-se como principais características a literatura como instrumento social de denúncia, ou seja, as críticas vão aparecer nas obras dos autores do movimento, com o intuito de "mostrar [...] o vivo interesse dos modernos pela realidade brasileira total, não apenas urbana" (BOSI, 2006, p. 208). Na opinião do autor, os fatos históricos têm o poder de influenciar, de forma significativa, as obras dos escritores.

Nessa fase, o regionalismo torna-se universal com o escritor Guimarães Rosa. As problemáticas sociais estarão presentes nas obras de João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar e, consequentemente, a busca pela verossimilhança. Esta é uma característica que pode ser encontrada nas obras de muitos autores, independentemente da escola literária à qual pertença. No caso dos modernistas, essa busca pela "aproximação da realidade", da verdade, da verossimilhança, será encontrada em vários autores. Segundo Cândido (2009):

> O têrmo "verdade", quando usado com referência a obras de arte ou de ficção [...] Designa com freqüência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade [...] ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda — de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade (CÂNDIDO, 2009, p. 18).

Dentre esses autores, temos a mais importante para a relevância deste trabalho, essa que transita pelo Movimento com seu estilo único, Clarice Lispector vem até nós nos presentear com sua literatura refinada. Ela foi a responsável por introduzir a "tendência intimista" que está voltada para a introspecção: "A literatura intimista e introspectiva [...] agora exibe uma dimensão surpreendente, na obra de Clarice Lispector tão bem documentada" (MOISÉS, 2007, p. 529). Dessa forma, pode-se dizer que, em suas obras ressaltam-se as agonias, os valores e as felicidades da alma, ou melhor, é uma "sondagem psicológica": "E se basearia, ainda, na sondagem das reminiscências, fixadas na memória e reelaboradas na consciência por mecanismos associativos" (MOISÉS, 2006, p. 204). Em "A hora da estrela", a autora faz uma análise intensa das condições da alma das personagens e, através do psicológico dessas, é que são analisadas suas ações.

Percebe-se, também, na obra de Clarice o que a crítica denomina de "fluxo de consciência": "O romance de tempo psicológico se identificaria pela exploração do fluxo de consciência, isto é, 'a exploração das camadas preverbais da consciência com o propósito fundamental de revelar o ser psíquico das personagens'" (MOISÉS, 2006, p. 204). Portanto, esse é o momento em que o narrador busca penetrar no inconsciente das personagens.

Além das características acima, as epifanias aparecem constantemente. Estas são as revelações de alguns acontecimentos e, geralmente, aparecem em algumas obras com a expressão "explosão": "E lá (pequena explosão) Macabéa arregalou os olhos." (LISPECTOR, 1998, p. 66).

É importante que seja observada a importância do papel que a Literatura exerce no meio social, já que ela se manifesta de várias formas. Ela pode, inclusive, se apresentar através das obras fictícias dos escritores, retratando os problemas sociais de um determinado meio e/ou de uma determinada época. Com isso, nota-se que a Literatura pode representar uma certa realidade de fatos que aconteceram e que acontecem. Conforme Barthes (2011, p. 220), "Em nível mais geral, a obra literária é história no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real".

Sobre a autora e sua obra, Moisés (2007, p. 48) afirma que:

> Fragmentada em contos, romances e crônicas, a sua obra é norteada pelo antigo lema "conhece-te a ti mesmo", como se a prosa de ficção [...] se virasse para a intimidade do narrador ou da personagem. Introspecção, intimismo, análise psicológica são algumas das características [...] que lhe sustenta as narrativas (MOISÉS, 2007, p. 48).

Geralmente, nas obras de Clarice Lispector a personagem principal leva uma vida muito tranquila e simples no seu cotidiano. De repente, acontece uma "epifania", ou seja, uma revelação e, a partir daí, algo inesperado acontece e, depois, tudo volta ao normal. Esse elemento está constantemente presente em "A hora da estrela" e será melhor observado com algumas passagens a seguir.

2.2 A obra

O romance "A hora da estrela" é uma narrativa que contém poucos personagens, caracterizando, segundo Gancho (2006, p. 7–8), uma novela. "Novela é um romance mais curto, isto é, tem um número menor de personagens, conflitos e espaços, ou os tem em igual número ao romance, com a diferença de que a narração no tempo é mais veloz na novela". É narrado por "Rodrigo", um narrador fictício criado pela autora: "vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M" (LISPECTOR, p. 13). Talvez, ela crie esse narrador com a intenção de mostrar, que, apesar de "homem", há "por trás" do mesmo uma "mulher" que, assim como os homens, também é capaz de fazer

literatura, contrariando, inclusive, o próprio narrador, Rodrigo: “[...] descubro eu agora – [...] o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, *mas teria que ser homem* porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”. (LISPECTOR, 1998, p. 14, grifo nosso).

Qualquer pessoa que leia as obras de Clarice Lispector, provavelmente, irá rotulá-la como uma escritora feminista. Porém, ao conhecer sua literatura, percebe-se que ela não escrevia somente para tal finalidade. Além disso, ressaltar apenas o aspecto feminista na obra de Clarice é, consequentemente, desvalorizar o trabalho de nossa autora, mesmo sabendo-se que é possível, sim, encontrar aspectos como “a busca pela igualdade de gêneros”. Esta busca se reflete, como, por exemplo, no conto “A imitação da rosa”, em sutis denúncias contra o machismo e a submissão feminina: “Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia” Lispector (1982). Em virtude do que foi mencionado, deve-se observar que a escritora buscou uma nova forma de “fazer literário”.

Dessa forma, ela enriqueceu, de forma significativa, a literatura brasileira, ou melhor, procurou adentrar e analisar as formas psíquicas, ao passo que resolveu colocar-se nas profundezas da “existência” e das experiências do indivíduo, em especial das mulheres. Afinal, como é de amplo conhecimento, muitas vezes as mulheres sofreram, e ainda sofrem, a opressão de uma sociedade machista por conta do emprego da força física em determinadas atividades o que vem diminuindo, de forma sensível, com o desenvolvimento tecnológico. “Quanto menos habilidade e força física venha requerer o trabalho manual, isto é, quanto mais se desenvolve a indústria, tanto mais o trabalho dos homens é substituído pelo das mulheres” (MARX; ENGELS, 1998, p. 21).

No mais, seria importante notar que o trabalho da autora vai muito além do feminismo. Isto se nota porque ela busca entender as profundezas da alma. Sua produção possui um viés “filosófico” devido às indagações dos "porquês" tão presentes em suas obras e, principalmente, em “A hora da estrela”: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Durante a narrativa, a autora faz uso de uma linguagem de fácil entendimento apegando-se a uma linguagem coloquial carregada de regionalismo segundo seus personagens: “Isso é lá coisa para moça virgem falar? E para que saber demais? O mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais” (LISPECTOR, 1998, p. 55).

É importante notar que a história demora para começar devido à forma como o narrador a inicia, oferecendo as informações aos poucos, talvez por se tratar de um assunto

altamente “delicado”: a vida, os modos, a personalidade e, até, as características físicas da protagonista, um personagem tão pouco comum, tanto na ficção quanto na realidade. Assim o narrador afirma: “De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada [...] meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Levando-se em consideração esses aspectos, o narrador tenta se aproximar da realidade da moça, que até então é anônima. Dessa forma, ele “prolonga,” através das palavras, todo o desenvolvimento da história:

> Para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Pela observação dos aspectos analisados, percebe-se que o narrador busca “adequar” as informações que se espera, ou seja, busca como iniciar a história, o que aos olhos de alguns pode não ser um bom indício. Segundo Moisés (1981, p. 115), “Um romancista de tendência introspectiva que prolongue demasiado a descrição do ambiente social [...] pode com isso manifestar desconhecimento dos modos de adequar os meios e os fins de sua obra ficcional”.

Tendo em vista os aspectos mencionados, um elemento importante em A hora da estrela é a não linearidade. É possível notar que a narrativa está “fora dos hábitos” Lispector (1998, p. 13), isto é, fora dos padrões de estrutura temporal considerada pela autora, pois em grande parte de suas obras há a predominância de um enredo não-linear. Em A hora da estrela, nota-se a ausência dessa caraterística quando Rodrigo, o narrador, diz: “Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” Lispector (1998, p. 13).

Como se percebe, a história é narrada, predominantemente, em terceira pessoa e o narrador, em A hora da estrela, é onisciente: “Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 40). O tempo é cronológico, pois a narrativa se desenvolve desde a saída de Macabéa da sua terra natal, no sertão de Alagoas; até sua trágica morte, na cidade do Rio de Janeiro.

Em se tratando do tempo, na obra, pode-se dizer, também, que é psicológico, o que se comprova devido à presença de *flashbacks* vividos pela protagonista: “Suspirava. Tinha saudade de quando era pequena – farofa seca – e pensava que fora feliz”. (LISPECTOR, 1998, p. 35). O espaço principal na obra, onde se passam os acontecimentos mais marcantes na vida da protagonista, é a cidade do Rio de Janeiro. Porém, há como secundários o estado de Alagoas, onde nasce Macabéa, e Maceió, onde nossa heroína vai morar com uma tia. Os ambientes são caracterizados pela empresa onde Macabéa trabalha; o quarto de pensão onde mora com as outras moças; as praças e jardins onde Macabéa e Olímpicos se encontram e passeiam; a casa de Glória e o apartamento da cartomante.

2.3 A hora da estrela e a degradação humana

Na obra de Clarice Lispector, apresenta-se o conflito da vida que suas personagens enfrentam, e tudo o que impacta o ser humano. Assim é que a trama vai se construindo, na maioria das vezes. Desse modo, o sofrimento com o *eu*, por exemplo, é representado nas vivências e experiências das personagens. Além disso, o que mais impressiona na escrita da autora é a forma como ela consegue revelar o que há de mais humano no interior do ser. Isto pode ser identificado no conto “O crime do professor de Matemática”: “[...] pôs-se então a pensar com dificuldade no verdadeiro cão como se tentasse pensar com dificuldade na sua verdadeira vida” (LISPECTOR, 1982, p.121).

Pela observação de todos os aspectos analisados, a narrativa começa, de fato, a partir do momento em que o chefe de Macabéa, nome da protagonista, adverte-a rispidamente dizendo-lhe que manterá no emprego apenas a funcionária Glória: “O chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade [...] que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel” (LISPECTOR, 1998, p. 24 – 25). Errava pelo fato de ter estudado somente até o “terceiro ano primário”, por conta disso, não sabia escrever muito bem: “[...] Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra [...] e copiava [...] a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: ‘desiguinar’” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Dessa forma, percebe-se que Macabéa seria facilmente substituída em seu trabalho. No entanto, a menina não tinha consciência disso: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Em vista disso, pode-se dizer que viver num mundo em que o sistema econômico é capitalista exige-se uma certa "competência" para o trabalho. No entanto, Macabéa não tinha esse requisito, pois "ela era incompetente. Incompetente para a vida." (LISPECTOR, 1998, p. 24). Com isso, constata-se a exclusão de um indivíduo que não é capaz de gerar lucro, ocasionando assim o menosprezo do mesmo diante de uma sociedade capitalista.

Ainda convém dizer que Macabéa não reclamava e sempre estava satisfeita com tudo, desde as condições de moradia, salário, trabalho, dentre outras coisas. Condições que pareciam com a sua vida ordinária,

> Depois de receber o aviso foi ao banheiro [...] Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. [...] o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? [...] Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Desde cedo, antes mesmo de sair do Nordeste, já enfrentava uma vida difícil com sua família. Quem a olhasse, quando criança, diria que não sobreviveria, pois havia nascido com "maus antecedentes": "Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão" (LISPECTOR, 1998, p 28). No mais, é possível notar que a personagem principal é uma pessoa ingênua, simples e que leva uma vida miserável, porém não sabe que sua vida é desse jeito. Pois, com o tempo, em uma sociedade de consumo, o indivíduo que não tem acesso ao que tal sociedade oferece, começa a decair psicologicamente a ponto de enxergar-se como um ser inferior: "Só sei que eu nunca fui importante [...]" (LISPECTOR, 1998, p. 56).

Quanto às suas características físicas:

> "A moça tinha ombros curvos [...] dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida [...] Ela nascera com maus antecedentes [...] examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se "panos", diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação" (LISPECTOR, 1998, p 26-27).

Rodrigo conta a história de Macabéa que sai de Alagoas para morar com sua tia, devido à morte dos pais. Estes que: "haviam morrido [...] de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas" (LISPECTOR, 1998, p. 28). Vale ressaltar que Macabéa perdera os pais quando tinha somente dois anos de idade. Depois disso, passa a

morar, em Maceió, com sua tia beata. Esta, a única "parenta" viva da família. Entende-se que sua tia a queria somente para "varrer o chão", a maltratava dando-lhe "cascudos" na cabeça. Embora temesse que um dia Macabéa se tornasse prostituta:

> Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro a ser vagabunda de rua. (LISPECTOR, 1998, p. 28).

A fim de demonstrar aspectos relevantes no que tange à representação da degradação humana na obra de Clarice Lispector, é possível fazer uma comparação entre Macabéa e a protagonista Lúcia, de José de Alencar. Na obra "Lucíola", pode-se observar a degradação de uma personagem que também fica sozinha no mundo: "O senhor tem mãe e irmã! Como deve ser feliz! Disse Lúcia com sentimento. [...] Perdi a minha muito cedo e fiquei só no mundo; [...] Há de ser tão bom a gente sentir-se amada sem interesse! (ALENCAR, 2005, p. 12). Desse modo, percebe-se, ainda que não muito claramente, que a forma como a protagonista se sustenta é vendendo o próprio corpo.

Entretanto, no caso de Macabéa, Rodrigo ressalta que a menina não tinha como seguir uma vida assim, pois: "Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem" (LISPECTOR, 1998, p. 13- 14).

Convém dizer que depois de um tempo Macabéa e sua tia passam a morar no Rio de Janeiro. Porém sua tia falece deixando-a responsável por sua própria sobrevivência. Mas, antes de falecer, consegue um emprego de datilógrafa para Macabéa: "tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjara emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha [...]" (LISPECTOR, 1998, p. 30). Dessa forma, na triste realidade e sozinha no mundo, Macabéa passa a enfrentar uma vida difícil.

Na cidade, a protagonista leva uma vida de extrema pobreza tanto social quanto financeira. Mesmo precisando de ajuda, para a sociedade ela simplesmente não existe: "[...] não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio [...]" (LISPECTOR, 1998, p. 27). Sendo um personagem tipo – "é um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem." (GANCHO, 2006, p. 16) – Macabéa nada mais é do que uma figura que pode representar a vida de muitos brasileiros vindos de regiões periféricas para os grandes centros.

Macabéa dividia um quarto de pensão com quatro moças. Estas exercem o papel de personagens secundárias na narrativa: "[...] que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo" (GANCHO, 2006, p. 16). No mais, as moças possuíam em comum o primeiro nome, Maria: "Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria" (LISPECTOR, 1998, p. 31). O local onde o quarto das amigas ficava era o mais imundo e inumano possível:

> O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto [...] Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso pois tenho horror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço da vida imunda (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Quando Macabéa e as colegas de quarto chegavam do trabalho, deitavam cansadas do dia exaustivo. As Marias, logo, adormeciam. Elas trabalhavam como "balconistas das Lojas Americanas" (LISPECTOR, 1998, p. 30). Ao contrário das meninas que logo pegavam no sono, Macabéa ligava um pequeno rádio, emprestado, e ouvia um canal de cultura. Neste eram informadas várias curiosidades sobre o mundo: "Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava 'hora certa e cultura'" (LISPECTOR, 1998, p. 37). É preciso dizer que, ela nunca sabia em que momento fazer uso do que aprendia.

Ainda antes de dormir, Macabéa ficava com fome, então para amenizar a necessidade, comia papel. "Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir" (LISPECTOR, 1998, p. 32). Ainda convém destacar que o narrador, Rodrigo, também ressalta que Macabéa tomava café antes de deitar, talvez por não ter o que comer. "O luxo que se dava era tomar um gole de café frio antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar" (LISPECTOR, 1998, p. 33). Com base nisso, pode-se perceber a presença de uma denúncia social quanto à questão da pobreza em que a moça se encontrava. Muitas vezes, esse fator pode estar longe da nossa realidade pessoal, mas não significa que não exista.

Em um determinado dia, ao faltar no trabalho, Macabéa conhece um nordestino, assim como ela, que viria a ser seu "namorado" (LISPECTOR, 1998, p. 42).

> – Ah mês de maio, não me largues nunca mais! (Explosão) foi a sua íntima exclamação no dia seguinte, 7 de maio, ela que nunca exclamava. [...] Nesta

> manhã de dia 7 [...] o encontro com o seu futuro namorado. [...] Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo [...]

Ambos ficaram se olhando e, finalmente, o rapaz se aproxima. Este que tinha por nome Olímpico. Ele passou a morar no Rio de Janeiro, devido à morte de sua mãe. Por isso, nada mais o prendia à Paraíba. Quando Macabéa pergunta seu nome, ele responde "Olímpico de Jesus Moreira Chaves", mas, na realidade, os dois últimos sobrenomes foram inventados por ele, porque não tinha pai. Havia sido "criado por um padrasto", este que lhe ensinou como levar a vida, como por exemplo, se aproveitar das pessoas e conseguir mulheres.

É importante dizer que, Olímpico de Jesus era um operário em uma metalúrgica. Porém queria mesmo era tornar-se deputado, pois era extremamente ambicioso. Certa vez, no Nordeste, guardou, por meses, seu salário somente para substituir um dos dentes por um de ouro, pois acreditava que assim teria um status e pertenceria a uma classe. Ele economizava parte do seu dinheiro dormindo "de graça numa guarita em obras de demolição por camaradagem do vigia" (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Em um dos encontros, Macabéa diz que a melhor herança são as "boas maneiras", pois era educada; ele simplesmente responde que a melhor herança é o dinheiro e que seria rico. "Pois para mim a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico disse ele que tinha uma grandeza demoníaca: a sua força sangrava." (LISPECTOR, 1998, p. 46).

É importante dizer que Olímpico havia matado uma pessoa – e essa ação por si só já demonstra a degradação humana também desse personagem – e isso para ele era orgulho, pois o tornava "homem". Apesar de tudo, tinha um dom, porém sem saber, pois gostava de esculpir. "[...] Mas não sabia que era um artista: nas horas de folga esculpia figuras de santo e eram tão bonitas que ele não as vendia" (LISPECTOR, 1998, p. 46).

Quanto às características físicas de Olímpico:

> [...] Vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca. Trouxera consigo, comprada no mercado da Paraíba, uma lata de vaselina perfumada e um pente, como posse sua e exclusiva. Besuntava o cabelo preto até encharcá-lo. Não desconfiava que as cariocas tinham nojo daquela meladeira gordurosa. Nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao sol. Era mais passível de salvação que Macabéa pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo (LISPECTOR, 1998, p. 57).

O “casal”, nas pouquíssimas vezes que se encontraram, falava o mínimo. Quando o assunto surgia, conversavam sobre o que gostavam de comer no nordeste e algumas lembranças vagas, porém nada mais. “As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância.” (LISPECTOR, 1998, p. 47).

Macabéa nem havia prestado atenção quando Olímpico disse que era operário. Porém não importava, pois sendo uma datilógrafa, sentia-se orgulhosa pelo cargo que ambos exerciam “embora ganhasse menos que o salário mínimo” (LISPECTOR, 1998, p. 45). Nem imaginava que, de certa forma, Olímpico não queria ser operário, pois, de algum modo, tinha consciência de ser explorado, afinal, vivia em uma sociedade capitalista. Segundo Frederico (1997, p. 13) “toda a existência do capitalismo se baseia na exploração do trabalho assalariado”.

É possível perceber uma crítica quanto à classe social dos personagens, já que, muitas vezes, os trabalhadores, realmente, são explorados e é possível dizer que Macabéa não tinha concepção disso. Isso pode ser representado pelo fato de Macabéa não se sentir “infeliz”. “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriazinha em viver.” Lispector (1998, p. 27).

Não se sentia infeliz porque não sabia o que, de fato, ela era. Mas se soubesse teria um choque de realidade. Mas afinal, é possível uma pessoa viver sem saber o que se é? No caso de Macabéa sim, pois estava satisfeita com a vida que levava. Achava que, por ter um "emprego", nada mais lhe faltava. Portanto, para ela, isso era uma espécie de satisfação, talvez por achar que estivesse seguindo o mesmo ritmo de vida da sociedade.

Contudo, vivia no seu “mundinho” miserável e estava satisfeita, e por isso não se sentia infeliz. Pois, para ela, era normal levar a vida daquele jeito. Inclusive, tinha “orgulho” de si e também de Olímpico. “Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, [...] ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Nessa perspectiva, nota-se a representação de classe pelos personagens e a consequente alienação do trabalhador por uma sociedade capitalista. Segundo Quintaneiro (2002, p. 49) “O fundamento da alienação, para Marx, encontra-se na atividade humana prática: o trabalho. Marx faz referência principalmente às manifestações da alienação na

sociedade capitalista". Com isso, percebe-se que o indivíduo torna-se "alienado" e isso se dá por causa da "divisão de trabalho" desigual em que se tem um percentual mínimo de pessoas que ficam ricas às custas da grande massa populacional. Segundo Marx (2004):

> Daí a pobreza dos componentes da grande massa que, a despeito de um trabalho ininterrupto, devem sempre pagar com o sacrifício de sua própria pessoa, e, por outro lado, a riqueza de um pequeno número que, sem mover um dedo, recolhe todos os frutos e benefícios do trabalho alheio (MARX, 2004, p. 12).

Vale lembrar que Macabéa possui apenas um curso básico de datilografia, ou seja, a pobre moça não teve uma educação que lhe pudesse garantir condições intelectuais suficientes para adquirir uma vida melhor. Além disso, e talvez por isso, era explorada no seu trabalho ficando até muitas horas depois do expediente normal. Porém, ela não sabe que sua vida é ruim. Mas como saber para comparar se nunca experimentou o que é bom? "porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era 'assim'" (LISPECTOR, 1998, p. 51).

Em uma sociedade em que o indivíduo é visto pelo que tem, materialmente falando, e não por suas virtudes morais, não é raro que, em muitos casos, quando este não possui condições financeiras para ter acesso aos bens materiais que a sociedade oferece, deixe de ser visto como pessoa e passe a ser visto como "algo". Devido à sua realidade, a própria Macabéa não mais se sentia humana. "– Desculpe mas não acho que sou muito gente [...] – É que não me habituei [...] – Ah, não sei explicar [...] – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível? (LISPECTOR, 1998, p. 48).

Além de suas características negativas, Macabéa, sem se dar conta, ainda prejudicava a si mesma como em um determinado dia em que fala de Olímpico para Glória, sua colega de trabalho, e depois o apresenta à amiga. O interesse do rapaz é despertado, afinal Glória era filha de um açougueiro e "tinha mais carne" que Macabéa. Por esse e outros motivos, ele termina o "relacionamento" com a nordestina:

> Enquanto isso o namoro com Macabéa entrara em rotina morna, se é que alguma vez haviam experimentado o quente. [...] de pesquisa em pesquisa, ele soube, que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-a de primeira qualidade. Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue. Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim. Esqueci de dizer que era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa [...] Foi então (explosão) que se desmanchou de repente

> o namoro entre Olímpico e Macabéa. [...]Ele avisou-lhe que encontrara outra moça é que esta era Glória (Explosão) (LISPECTOR, 1998, p. 59 – 60).

Ao romper com a menina, acrescenta: "–Você é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer [...]" (LISPECTOR, 1998, p. 60). Macabéa não sabia ao certo o que estava sentindo, só sentia que algo doía muito. Ela que imaginava casar-se com Olímpico. Porém, devido às circunstancias e pela esperteza de como se "arranjar" na vida, Olímpico não via que teria algo próspero ao lado de Macabéa, pois Glória era o oposto da "Nordestina" (LISPECTOR, 1998).

> Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. [...] fora apresentada por Macabéa [...] O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade (LISPECTOR, 1998, p. 59 – 60).

Tudo isso ia somando-se e fazendo com que Macabéa se sentisse cada vez mais "não-gente", mesmo sem perceber, afinal, nossa heroína nada percebia, nem mesmo quando se tratava de si mesma. Dessa forma, a "degradação humana" vai se evidenciando mais e mais em A hora da estrela.

Um dos momentos em que se pode evidenciar essa degradação, por exemplo, é quando, certa vez, Glória convidou Macabéa para ir lanchar em sua casa. Depois de tomar um achocolatado, a menina passou mal, porém não vomitou para não estragar a "comida de gente rica" (LISPECTOR, 1998).

> [...] convidou-a para tomar lanche da tarde, domingo, na sua casa. [...] E lá (pequena explosão) Macabéa arregalou os olhos [...] um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de roscas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. Macabéa, enquanto Glória saía da sala — roubou escondido um biscoito. Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se, perdoada. O Ser a perdoava de tudo. No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa de nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate (LISPECTOR, 1998, p. 66).

Após ter passado mal, “Maca”, ao receber seu dinheiro, resolve procurar o médico que Glória se consultava, pois este era mais em conta. Durante a consulta, o médico fica assustado com a figura que lhe aparece: “[...] Ele a examinou, a examinou e de novo a examinou. – Você faz regime para emagrecer, menina? Macabéa não soube o que responder. – O que é que você come? [...] Você às vezes tem crise de vômito? – Ah, nunca!, exclamou muito espantada, pois não era doida de desperdiçar comida [...] (LISPECTOR, 1998, p. 67). Repetia os exames, mas não era por preocupação, pois odiava ter que lidar com os pobres: “[...] A medida era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor à profissão nem a doentes. Era desatento e achava a pobreza uma coisa feia. Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles (LISPECTOR, 1998, p. 67 – 68).

Um indivíduo pobre, vivendo em uma sociedade capitalista passa, constantemente, por esse tipo de percalço. A saúde é cara, o transporte, a educação e, até a própria comida. Por isso, Macabéa passava fome e estava muito doente, pois quando Rodrigo a apresenta é possível notar o seu estado debilitado, desde muito tempo. Quando finalizou a consulta, o médico revelou que ela estava com início de tuberculose. Porém, ela agradeceu, porque não tinha conhecimento se era algo ruim: “[...] Passara-a pelo raio X e dissera: – Você está com começo de tuberculose pulmonar. Ela não sabia se isso era coisa boa ou coisa ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada, disse: – Muito obrigada, sim?” (LISPECTOR, 1998, p. 68).

Tempos depois, talvez por culpa, Glória sugeriu que Macabéa procurasse sua cartomante. Como não tinha dinheiro, acabou aceitando uma quantia que Glória lhe ofereceu. Chegando à casa de Madame Carlota, foi tratada com um carinho que nunca recebera. No local, são reveladas todas as desgraças de sua vida. De repente, a cartomante revelou que sua vida iria mudar completamente: “[...] quanto ao presente, queridinha, está horrível também [...] Você vai perder o emprego e já perdeu o namorado [...] de repente aconteceu: o rosto da madama se acendeu todo iluminado: sua vida vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa!” (LISPECTOR, 1998, p. 76).

É importante dizer que madame Carlota era ex-prostituta: “Eu era pobre, comia mal, não tinha roupas boas. Então caí na vida” (LISPECTOR, 1998, p. 73). Com o passar do tempo, não dando mais rentabilidade financeira a vida de prostituta, Carlota decidiu, obrigada pela vida, a se tornar “cartomante”, “pôr cartas”. E agora, Macabéa estava sendo enganada sem saber. Porém, em “consulta” com madame Carlota, Macabéa passa, então, a perceber que sua vida nunca foi boa. No mais, a cartomante acrescenta:

> Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro por um homem estrangeiro [...] ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos [...] Esse estrangeiro parece se chamar Hans e é ele que vai casar com você [...] dar muito amor e você vai se vestir com veludo e cetim até casaco de pele vai ganhar (LISPECTOR, 1998, p. 77).

Com essas revelações, Macabéa se extasia de tanta felicidade. Percebe-se que o que sempre faltou em sua vida agora vem em grande quantidade. Todos os recursos necessários para se ter uma vida "boa". Assim, Macabéa passaria a ter boa alimentação, vestuário, calçados e até mesmo um teto, já que ia casar-se. Todas essas coisas são necessárias para se viver em uma sociedade em que o valor das pessoas é medido pela quantidade de bens que possui. Mas a menina nunca teve nada disso, para que pudesse crescer e se desenvolver.

"Transbordando" de alegria, pois se sentia como a pessoa mais sortuda do mundo, naquele momento, Macabéa saiu toda feliz:

> Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a.
> Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madame Carlota, pois o carro era de alto luxo [...] Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que – que Macabéa morreu..." (LISPECTOR, 1998, p. 79 – 85).

Em vista dos acontecimentos vividos pela personagem Macabéa, pode-se dizer que essa obra revela algumas reflexões em relação à vida. E como principal mensagem vem trazer a busca por uma identidade de cada indivíduo marginalizado em uma sociedade capitalista.

Portanto, percebe-se que, muitas vezes, as pessoas estão sujeitas a enfrentar uma vida de limitações, de privações e, porque não dizer, de miséria. Porém, muitas vezes, não é porque elas querem, é por uma série de motivos, que envolvem, também, a falta de opção e de oportunidades no mercado de trabalho, pois em uma sociedade capitalista, se o indivíduo não produz, ele estará destinado a uma vida sofrida, marcada por várias restrições. No caso da protagonista, ela trabalhava, mas era explorada numa espécie de trabalho que, ao invés de proporcionar uma vida melhor, acabou por debilitá-la físico e mentalmente.

Constata-se, assim, que aquilo que o capitalismo proporciona ao trabalhador é exatamente isso. Pois, o indivíduo se satisfaz com o seu "trabalho", porém não percebe que se distancia cada vez mais da realidade por consequência de sua alienação causada pela

exploração que lhe é imposta. No caso de Macabéa, não apenas a alienação pelo trabalho, mas também as pessoas, as circunstâncias e até sua falta de discernimento em relação à vida, lhe tiram do mundo real e a "transportam para um mundo" do qual nem ao menos tem consciência. A protagonista é o puro reflexo da degradação humana diante da vida em uma sociedade capitalista.

Considerações Finais

Em vista da leitura feita, a literatura deve ser vista como fonte de informações, uma vez que se faz, constantemente, presente em nossas vidas. Pois, por meio das obras literárias, é possível adquirir informações sobre o mundo, sobre a vida. Tudo acontece no momento em que o autor cria suas obras com o intuito de que suas histórias possam ser uma representação da realidade. Pois, de certa forma, usa dessas para fazer denúncias diversas, inclusive sociais. Conforme Cândido (2004, p. 186), "[…] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão a mutilação espiritual".

Assim, através da representação literária há a possibilidade de se ter um certo conhecimento de como está o meio social e isso é possível por meio de uma narrativa literária. Desse modo, pode-se dizer que um romance é capaz de retratar acontecimentos do passado, que também estão presentes no mundo atual, ou seja, isso pode ser notado quando se analisa, por exemplo, quaisquer obras relevantes, pois nelas estão presentes desde o estilo literário de cada autor como também o contexto histórico do período literário em questão.

É necessário observar, em "A hora da estrela", a importância que se dá aos assuntos sociais do Brasil, pois há diversas temáticas tanto políticas quanto sociais; além de retratar também os questionamentos do indivíduo frente à sociedade. A obra analisada apresenta situações que nos levam a refletir sobre o papel que o indivíduo exerce na sociedade.

Acreditamos que este trabalho pode proporcionar, aos possíveis leitores, uma conscientização, acerca das dificuldades encontradas por um indivíduo comum perante uma sociedade de consumo e a adquirir, assim, uma visão crítica em relação às mazelas sociais. Pois, diante da realidade retratada na referida obra, percebemos que as sociedades capitalistas degeneram o ser humano a ponto de ele mesmo menosprezar-se diante de outro ser humano pelo simples fato de suas diferenças sociais e econômicas.

Portanto, com este trabalho espera-se contribuir com a formação de uma visão mais crítica dos problemas expostos e das condições sub-humanas em que se encontra a personagem-tipo no enredo explorado. Em "A hora da estrela", percebe-se, através da protagonista, como o indivíduo é vulnerável como ser. Percebe-se como essa vulnerabilidade é proporcional a suas condições sociais, econômicas, intelectuais e humanas. E que essas carências o levam a distanciar-se de valores morais, pessoais e religiosos, a ponto de transformá-lo, gradativamente e definitivamente, em uma Macabéa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de, 1829-1877. **Lucíola** – São Paulo: DCL, 2005.

BARTHES, Roland. **Análise da Narrativa** [et al.] ...7. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOSI, Alfredo, 1936 **História concisa da literatura brasileira**/ Alfredo Bosi. 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção** [et al.]. – São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____**O direito à literatura.** *In*: Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

DOMINGOS, Priscila Berti. **O tecer das palavras: o processo de criação literária de Clarice Lispector em Cartas perto do coração.** *In* Vocábulo: revista de letras e linguagens midiáticas, 1º semestre de 2015. Disponível em: https://www.baraodemaua.br/comunicacao/volume_VIII.pdf. Acesso em 05.06.2017 (16:00).

FREDERICO, Celso, 1947. **Lukács: um clássico do século XX**. São Paulo: Moderna, 1997.

GANCHO, Cândida Vilares, 1957- **Como analisar narrativas**. 9ª ed. – São Paulo: Ática, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ **O Crime do Professor de Matemática**. *In* **Laços de Família**. Rio de |Janeiro, Rocco, 1998.

_____**A imitação da rosa**. *In* **Laços de Família**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

MARX, Karl,1818-1883 – **A origem do capital.** São Paulo: Centauro. 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Trad. Maria Lúcia Como. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A análise Literária**. 6ª ed.- São Paulo: Cultrix, 1981.

_____ **A criação Literária**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____ **A literatura brasileira através dos textos**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

QUINTANEIRO, Tania. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** 2ª ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Vários Autores. **Literatura Modernista: Poesia e Prosa** – Manaus: Editora Valer, 2010. 180 p.